

A indústria de cimento

Mary Lessa Alvim Ayres
Ilka Gonçalves Daemon
Paulo Cesar Siruffo Fernandes

A INDÚSTRIA DE CIMENTO

Mary Lessa Alvim Ayres
Ilka Gonçalves Daemon
Paulo Cesar Siruffo Fernandes*

**Respectivamente, gerente, administradora e engenheiro da Geset 4/AO2 do BNDES.
Os autores agradecem a colaboração da estagiária Roberta Junqueira de A. Oliveira.*

CIMENTO

Resumo

O presente artigo retoma a discussão sobre o setor cimenteiro, analisando seu comportamento a partir do último estudo publicado pelo BNDES nesta revista (setembro de 1997), e trata dos aspectos relativos ao mercado de cimento Portland e às atividades empresariais correspondentes.

A produção do setor, que no período compreendido entre 1986 e 1994 estava estabilizada, teve um significativo crescimento nos últimos quatro anos (1994/98), apresentando índice acumulado de 58,3%.

O consumo per capita nacional, em 1998, atingiu o maior nível da história (cerca de 246 kg/hab./ano), situando-se bem próximo da média mundial (aproximadamente 271 kg/hab./ano). Nesse período, grande parte dos investimentos no setor foi direcionada a fusões e incorporação, mantendo-se, portanto, praticamente inalterada a capacidade instalada brasileira.

A indústria de cimento desempenha papel relevante no desenvolvimento da infra-estrutura econômica e social de uma economia. Assim, num país de dimensões continentais como o Brasil, devem ser feitos esforços no sentido de manter a oferta não apenas nacional, mas também regional, com um patamar de preços e volume adequados às necessidades do mercado.

Em estudo sobre o setor cimenteiro, anteriormente publicado pelo BNDES, foram abordados os diversos aspectos relativos à oferta e à demanda de cimento Portland no Brasil. Na ocasião, buscou-se avaliar como se comportaria a demanda por cimento Portland nos próximos anos e quais os investimentos necessários à ampliação da atual capacidade instalada, capaz de suprir o consumo interno e propiciando a existência de excedentes suficientes para garantir a estabilidade de oferta e preço.

Neste artigo é analisado o comportamento desse segmento industrial, a partir do último estudo publicado, e são atualizadas as informações relativas ao mercado de cimento Portland e às atividades empresariais correspondentes.

Entre 1986 e 1994, a produção brasileira de cimento manteve-se estabilizada, não apresentando qualquer crescimento significativo. Todavia, nos últimos quatro anos (1995, 1996, 1997 e 1998), o setor de construção civil teve uma importante recuperação, cujos resultados positivos repercutiram de imediato no setor cimenteiro. Nesses quatro anos, a produção de cimento experimentou um forte crescimento, atingindo o índice acumulado de 58,3% (produção 1998/produção 1994).

O ano de 1998 apresentou o maior índice de consumo *per capita* da história, ou seja, cerca de 246 kg/hab./ano. Até então, o maior valor de consumo *per capita* havia sido alcançado em 1980 e representava 226 kg/hab./ano. Observe-se que, em 1998, esse consumo situou-se próximo à média mundial de consumo *per capita*, que é cerca de 271 kg/hab./ano.

Também no período 1997/98, muitas empresas deram continuidade aos seus projetos de expansão e/ou modernização, ou mesmo iniciaram novos investimentos em aumento de capacidade produtiva motivadas pelas perspectivas de evolução da demanda nacional.

No Brasil, em 1995, 1996, 1997 e 1998, a produção de cimento cresceu à razão de 12%, 22,4%, 10,11% e 4,87% a.a., respectivamente.

Quanto ao consumo aparente de cimento Portland, em 1998, o valor registrado – 39.704.964 toneladas – correspondeu a um acréscimo de 4,71% em relação ao consumo de 1997. A Tabela 5 apresenta o consumo aparente nacional de cimento por estado.

Observou-se também que, embora os investimentos tenham sido mantidos, a capacidade instalada brasileira manteve-se inalterada, pois em grande parte esses investimentos foram direcionados a fusões e incorporações.

O setor cimenteiro no Brasil tem atualmente uma capacidade instalada de 48 milhões de toneladas, representando 2,6% da produção mundial. São, segundo dados do SNIC, 47 empresas, com 56 fábricas espalhadas pelo país e empregando cerca de 25 mil pessoas. O faturamento estimado das empresas para 1998 é de US\$ 2,9 bilhões.

Situação Internacional

A produção mundial de cimento apresentou um crescimento discreto, evoluindo de 1,485 milhão de toneladas em 1996 para 1,500 milhão de toneladas em 1998. Os crescimentos mais expressivos de produção de cimento ocorreram em países como Índia, Estados Unidos, China, Turquia, Brasil, Taiwan e Espanha, aqui apresentados em ordem decrescente. A Tabela 1, a seguir, apresenta a produção mundial de cimento e a capacidade produtiva anual de clínquer.

Tabela 1
Produção Mundial e Capacidade Produtiva de Clínquer – 1996/98
(Em Milhões de t)

PAÍS	PRODUÇÃO DE CIMENTO			CAPACIDADE DE CLÍNQUER		
	1996	1997	1998 ^a	1996 ^a	1997 ^a	1998 ^a
Estados Unidos ^b	81	84	87	77	75	84
Brasil	35	38	39	39	39	39
China	490	493	495	410	420	420
França	20 ^a	19 ^a	19	24	24	24
Alemanha	40 ^a	37 ^a	37	42	42	42
Índia	76	80 ^a	85	68	70	75
Indonésia	25	26 ^a	23	24	25	27
Itália	34 ^a	34	34	46	46	46
Japão	94	92	91	97	98	96
Coréia do Sul	57	60	59	56	56	57
México	23	28	28	43	43	43
Rússia	28	27	25	68	68	63
Espanha	25	28	28	34	39	34
Taiwan	22	22	22	23	23	24
Tailândia	35 ^a	36 ^a	34	30	30	40
Turquia	33	36	37	29	29	29
Outros Países	367 ^a	379 ^a	357	336	340	340
Total Estimado	1.485^a	1.519^a	1.500	1.443	1.465	1.482

Fonte: U.S. Geological Survey, Mineral Commodity Summaries (jan. 1999).

^a Estimado.

^b Inclui Porto Rico.

Os Estados Unidos, país que representa a maior economia do mundo, produziram, em 1998, 87,2 milhões de toneladas de cimento Portland e importaram 18 milhões de toneladas. O consumo aparente norte-americano atingiu 103 milhões de toneladas. O preço médio praticado, em 1998, no país foi de US\$ 75,00/t. A indústria norte-americana de cimento emprega 17.800 pessoas, entre minas e fábricas.

Os dados apresentados pelo USGS [*Mineral Commodity Summaries* (jan. 1999)] revelam não haver, em nível mundial, folga significativa entre a oferta, proporcionada pela atual capacidade instalada de produção de clínquer, e a demanda. A decisão por novos investimentos elevará subitamente a demanda por equipamentos para essa indústria, pressionando seus preços nos mercados mundiais.

O crescimento relativo da produção brasileira voltou a superar os índices de crescimento da produção da China, o maior produtor mundial de cimento. No *ranking* de países produtores, observamos que a China continua mantendo destacada liderança.

Assim, em 1998, a Ásia manteve sua liderança como maior produtora e consumidora mundial de cimento. A Tabela 2 apresenta os maiores produtores mundiais desse insumo em 1998.

Tabela 2

Maiores Grupos Produtores de Cimento do Mundo – 1998

(Em US\$ Milhões)

EMPRESA	PAÍS	VENDAS
Holderbank	Suíça	7.710
Lafarge	França	6.995
RMC	Reino Unido	6.613
CRH	Irlanda	4.577
Heidelberg	Alemanha	4.036
Blue Circle	Reino Unido	3.184
Italciment	Itália	3.177

Fonte: International Cement Review (nov. 1998).

Em 1998, a produção nacional de cimento Portland cresceu 4,87%, atingindo a marca de 39.951.337 toneladas. A Tabela 3 apresenta a evolução da produção brasileira de cimento nos últimos 10 anos.

O cimento Portland é o principal insumo da indústria de construção civil, que, direta e indiretamente, representa cerca de 15% do PIB brasileiro, sendo um dos setores de nossa economia

Situação Nacional

Tabela 3
Produção de Cimento Portland – 1988/98
 (Em Mil t)

ANO	TONELADA	Δ%
1988	25.328	–
1989	25.920	2,34
1990	25.848	-0,28
1991	27.490	6,35
1992	23.903	-13,05
1993	24.843	3,93
1994	25.230	1,56
1995	28.256	11,99
1996	34.597	22,44
1997	38.096	10,11
1998	39.951	4,87

Fonte: SNIC (1998).

que, além de ser independente de importações significativas de insumo, mantém relação direta com a produção de cimento Portland.

Adicionalmente, a cada R\$ 1 milhão investidos na indústria da construção civil, são gerados 22 novos empregos diretos. O cimento é insumo primordial à indústria brasileira de construção civil, a qual emprega cerca de 4.164.000 pessoas, ou seja, 6,6% da PEA [Pnad (1996)].

Em 1998, o consumo aparente do cimento Portland cresceu 4,71%, sendo atendido pela capacidade instalada. A Tabela 4 apresenta a evolução da produção de cimento Portland no Brasil *versus* o seu consumo aparente nos últimos cinco anos.

Quanto ao consumo regional, observou-se que, em 1998, a região Sudeste manteve a liderança com o índice de 54,28% do

Tabela 4
Brasil: Produção de Cimento *versus* Consumo Aparente – 1994/98
 (Em Mil t)

ANO	PRODUÇÃO	CONSUMO APARENTE
1994	25.230	25.046
1995	28.256	28.063
1996	34.597	34.505
1997	38.096	37.921
1998	39.951	39.705

Fonte: SNIC (1998).

consumo aparente nacional. A região Nordeste consumiu, nesse mesmo ano, 18,8% do total, enquanto os maiores crescimentos de consumo aparente, em relação ao exercício anterior, ocorreram nas regiões Nordeste (25,08%) e Norte (21,72%). A região Sudeste apresentou redução no seu consumo de 1,30%. A Tabela 5, a seguir, apresenta o consumo aparente e a produção por estado e regional de cimento Portland.

Tabela 5

Produção e Consumo Aparente Regionais de Cimento Portland – 1996/98

(Em t)

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	1996		1997		1998	
	Produção	Consumo	Produção	Consumo	Produção	Consumo
Rondônia	–	128.529	–	157.457	–	203.208
Acre	–	38.512	–	48.488	–	59.392
Amazonas	368.479	202.553	431.415	278.735	501.055	271.865
Roraima	–	38.963	–	47.163	–	43.863
Pará	332.847	497.633	366.891	498.273	521.252	692.590
Amapá	–	54.846	–	72.476	–	70.013
Tocantins	–	175.368	–	140.493	–	172.091
Norte	701.326	961.036	798.306	1.243.085	1.022.307	1.513.022
Maranhão	181.536	234.864	269.118	442.343	334.448	705.905
Piauí	–	188.833	–	253.033	–	347.085
Ceará	750.503	614.144	1.147.311	936.444	1.154.075	1.158.957
Rio Grande do Norte	201.892	260.530	314.355	436.488	343.646	547.929
Paraíba	996.257	338.353	1.463.608	452.200	1.955.265	537.919
Pernambuco	465.800	798.980	440.739	1.110.804	507.205	1.222.975
Alagoas	289.989	256.823	366.695	334.665	561.303	415.838
Sergipe	430.914	190.197	996.529	290.697	1.399.883	332.671
Bahia	851.272	1.253.467	837.299	1.711.065	931.058	2.195.340
Nordeste	4.168.163	4.136.191	5.835.654	5.967.739	7.186.883	7.464.619
Minas Gerais	9.079.341	4.546.329	9.275.147	4.962.559	9.223.169	4.951.620
Espírito Santo	1.196.323	849.714	1.526.186	947.413	1.609.883	887.285
Rio de Janeiro	2.990.645	3.883.806	3.085.634	3.800.236	3.222.248	3.779.779
São Paulo	7.639.254	11.704.110	8.077.765	12.126.102	7.806.133	11.933.807
Sudeste	20.905.563	20.983.959	21.964.732	21.836.310	21.861.433	21.552.491
Paraná	3.356.546	2.393.306	3.746.623	2.417.555	3.992.108	2.481.091
Santa Catarina	479.638	1.372.092	458.839	1.564.316	373.100	1.614.028
Rio Grande do Sul	1.569.971	1.766.664	1.660.026	2.019.236	1.765.657	2.194.651
Sul	5.406.155	5.532.062	5.865.488	6.001.107	6.130.865	6.289.770
Mato Grosso	540.094	440.263	553.947	480.342	597.852	498.638
Mato Grosso do Sul	591.697	399.961	772.933	420.672	787.615	484.379
Goiás	1.124.885	1.187.552	1.069.841	1.269.289	824.640	1.192.786
Distrito Federal	1.159.166	688.342	1.235.142	702.202	1.539.742	709.259
Centro-Oeste	3.415.842	2.716.118	3.631.863	2.872.505	3.749.849	2.885.062
Total	34.597.049	34.504.734	38.096.043	37.920.746	39.951.337	39.704.964

Fonte: SNIC (1998).

Em 1998, voltou a ocorrer importação na região Norte. A oferta local ainda não foi suficiente para atender as necessidades da demanda regional.

O perfil da demanda brasileira de cimento difere de outros países por privilegiar o pequeno consumidor, também chamado de “mercado formiga”. Assim, a participação da categoria “revendedores” novamente supera em muito os demais segmentos demandantes. A Tabela 6, a seguir, apresenta o perfil dos principais consumidores de cimento Portland.

No período 1996/98, a participação percentual na demanda sofreu algumas alterações. Assim, a categoria “revendedores”, que em 1996 representava 78,09% da demanda, apresentou nos últimos dois anos uma pequena redução relativa, situando-se em 1997 em 75,87% e em 1998 em 74,87%. As “concreteiras”, ao contrário das “revendedoras”, apresentaram um discreto acréscimo, passando a representar, em 1998, 10,72% do consumo, contra 10,25% de 1997. A categoria “outros”, em 1998, também apresentou elevação no seu índice, passando a representar 14,42% da demanda, já que, em 1997, situava-se em 13,88%. O Gráfico 1, a seguir, apresenta a evolução do consumo nacional de cimento Portland por consumidor.

Em 1998, o consumo brasileiro *per capita* aparente de cimento Portland cresceu, aproximando-se do valor da média mundial. A Tabela 7 apresenta esses índices para os últimos cinco anos. De maneira global, o consumo nacional de cimento Portland cresceu 56,81% entre 1994 e 1998, ou seja, mais do que 14,20% a.a.

Quanto às relações comerciais internacionais, observou-se que, embora o país possua capacidade instalada suficiente para atender à demanda interna, o produto importado apresentou vanta-

Tabela 6
Perfil da Distribuição de Cimento – 1996/98
(Em Toneladas)

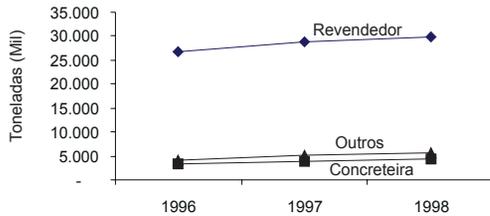
REGIÕES	REVENDEDOR			CONCRETEIRA			OUTROS ^a		
	1996	1997	1998	1996	1997	1998	1996	1997	1998
Norte	574.244	685.277	874.965	54.399	70.540	87.895	45.231	44.719	51.802
Nordeste	3.614.128	5.219.641	6.386.538	240.090	228.016	226.712	276.641	469.036	599.965
Sudeste	16.022.185	16.042.374	15.620.692	2.384.444	2.603.354	2.782.491	2.574.288	3.221.266	3.379.481
Sul	3.813.681	3.948.897	3.901.104	563.077	691.226	847.253	984.779	1.204.249	1.355.612
Centro-Oeste	2.819.872	2.873.508	3.064.175	230.575	293.378	327.545	307.100	327.265	361.175
Total	26.844.110	28.769.697	29.847.474	3.472.585	3.886.514	4.271.896	4.188.039	5.264.535	5.748.035

Fonte: SNIC (1998).

^aOutros inclui duas categorias: “consumidores industriais” (fibrocimento, pré-moldados e artefatos) e “consumidores finais” (construtoras e empreiteiras, órgãos públicos e prefeituras).

Gráfico 1

Perfil do Consumo – 1996/98



Fonte: SNIC (1998).

Tabela 7

Consumo Aparente per capita de Cimento Portland – 1994/98

(Em kg/hab./ano)

ANO	CONSUMO PER CAPITA
1994	164,99
1995	183,30
1996	221,60
1997	240,82
1998	246,00

Fonte: SNIC (1998).

gem competitiva face ao seu preço atrativo para os consumidores situados próximos a facilidades portuárias.

Dessa forma, as importações de 1998 somaram 433.996 toneladas, a um custo equivalente a US\$ 20 milhões. Em 1997, o Brasil importou 452.987 toneladas, ao custo de US\$ 21 milhões. Nos últimos três anos, esses valores têm mantido aproximadamente esta ordem de grandeza.

As importações de cimento Portland situam-se em torno de 1% da demanda nacional, destinando-se, principalmente, ao mercado das regiões Norte e Nordeste. Posições cambiais favoráveis até o fim de 1998 propiciaram essas pequenas importações.

No que se refere às exportações, observou-se que, em 1998, foram enviadas para o exterior 162.776 toneladas de cimento, ao valor de US\$ 10 milhões. No ano anterior, as exportações somaram 143.445 toneladas, com receita de US\$ 9 milhões. Ao contrário das importações, as exportações apresentaram nos últimos dois anos acréscimos significativos em termos relativos, embora pouco expressivos em termos absolutos.

Preços de Cimento

O preço do cimento Portland brasileiro, posto fábrica, situa-se na média mundial (Tabela 8). Os preços médios praticados ficaram na faixa de US\$ 65 a US\$ 70 FOB por tonelada durante o ano de 1998. Por ser *commodity*, os custos de transporte atuam na definição do preço do produto. O preço do cimento nas regiões importadoras deste insumo é, por conseguinte, mais elevado, situando-se acima do praticado nas regiões que dispõem de oferta adequada à sua demanda.

A Tabela 8, a seguir, apresenta os preços praticados por diversos países produtores, a participação dos produtores líderes em seus respectivos mercados e o consumo nacional *per capita*.

Os preços praticados em diversos países, nos últimos anos, revelam como se comportou cada economia nacional nesse período. No caso brasileiro, é marcante o efeito do Plano Real sobre a melhoria do poder aquisitivo de sua população.

Em 1997, o desempenho operacional e financeiro dos projetos apresentou resultados diversos entre as empresas. A Tabela 9 retrata os resultados daquele exercício. Empresas líderes apresentaram, no período, resultados negativos nos seus lucros líquidos ajustados, enquanto suas vendas atingiram os melhores índices dos últimos anos num ambiente de inflação mínima.

Tabela 8

Market Share, Preços e Consumo *per capita* dos Países Indicados

PAÍS	LÍDER DO MERCADO	% DA FIRMA LÍDER	CONSUMO EM 1998 (Milhões de t)	NÚMERO DE FIRMAS	PREÇO (US\$/t, exc. Taxas)	CONSUMO (<i>per capita</i> /kg)
China	Anhui Conch	0,6	512,0	6.000	30	422
Índia	Associated Cement Co.	12,0	85,0	60	53	89
Indonésia	Semen Gresik	38,0	19,3	5	29	95
Japão	Taiheiyo Cement	39,2	70,0	17	65	546
Coréia	Ssangyong Cement	24,9	42,5	11	45	910
Malásia	Blue Circle	48,0	11,5	7	52	530
Paquistão	DG Khan Cement	13,0	9,3	23	56	72
Filipinas	Holderbank	35,0	13,7	7	38	187
Sri Lanka	Puttalam Cement	26,0	2,2	3	92	118
Formosa	Asia Cement	25,1	20,8	10	50	960
Tailândia	Siam Cement	42,3	21,1	7	51	348
Argentina	Loma Negra	45,0	8,0	5	75	228
Brasil	Votorantim	44,0	39,2	14	60	236
Colômbia	Cemento Argos	51,0	6,5	12	81	174
México	Cemex	60,0	27,5	5	94	282
Venezuela	Vencemos	48,0	4,3	5	114	192

Fonte: International Cement Review (mar. 1999).

Tabela 9

Desempenho das Empresas de Cimento – 1997

(Em US\$ Milhões)

EMPRESA	FATURAMENTO	LUCRO LÍQUIDO AJUSTADO	PATRIMÔNIO LÍQUIDO JUSTADO	NÚMERO DE EMPREGADOS
Votorantim	543,9	-43,4	2.499	1.447
Itambé	76,3	6,9	101,6	226
Cimento Rio Branco	312,2	-2,2	711,6	n.i.
Holdercim	426,1	-38,4	316,0	1.566
Cimento Eldorado (Camargo Corrêa)	178,8	-8,3	305,1	330
Cimento Liz (Soeicom)	96,6	10,3	111,1	595

Fonte: *Maiores e Melhores*, Revista Exame (jul. 1998).

Obs.: *Lucro líquido ajustado* = resultado do exercício, descontada a provisão para o imposto de renda e contribuição social; *patrimônio líquido ajustado* = soma do capital, das reservas, dos lucros acumulados e dos resultados de exercícios futuros menos a soma do capital a integralizar, das ações em tesouraria e dos prejuízos acumulados.
n.i. = não informado.

A característica oligopolista do setor cimenteiro internacional (ver Tabela 8) vale-se do movimento de globalização dos mercados e das aberturas econômicas ocorridas em alguns países, entre os quais o Brasil, para promover movimento de fusões e incorporações, somando ao seu portfólio empresas que apresentavam menor expressão nesses mercados.

Reestruturação

Essas aquisições possibilitam aos grandes *players* internacionais superarem as barreiras à entrada em novos mercados, logrando assim a ampliação de seu *market share* nos cenários internacional e nacional. Os analistas do setor mantêm a expectativa de continuidade do processo de aquisições e fusões em curso, embora em ritmo mais lento do que o registrado nos três últimos anos.

O Grupo Votorantim perdeu participação relativa no Brasil em 1998. Sua liderança, que chegou a 42,12% nos primeiros seis meses de 1997, caiu para 41,1% no mesmo período de 1998. Entre janeiro e junho de 1998, as vendas de cimento dessa companhia totalizaram 7,80 milhões de toneladas, crescendo 5,5% em relação ao primeiro semestre de 1997.

Em 1998, o grupo iniciou uma reorganização das empresas sob o seu controle. O objetivo é reduzir o número atual de 15 companhias cimenteiras, que nele operam, para apenas uma por região, abrigadas na Votorantim Cimentos Ltda., *holding* já criada. Paralelamente à reestruturação, o Grupo Votorantim mantém seu pesado programa de investimentos, devendo empregar R\$ 970 milhões até 2002, incluindo a recente compra de 7,3% do capital da Usiminas, por R\$ 113 milhões.

No início de maio de 1999, a Votorantim comprou a participação da CSN na Ribeirão Grande por R\$ 66 milhões e, com isso, passou a deter 50% das ações ordinárias e 16,66% do capital da empresa. Após esse negócio, a participação do Grupo Votorantim no mercado nacional voltou a crescer, representando hoje aproximadamente 46%.

O Grupo João Santos, que tem uma forte atuação no Nordeste, para responder à rápida evolução do mercado dessa região, começou a operar, em 1995, uma nova fábrica no Estado de Sergipe. As vendas do grupo, de janeiro a julho de 1998, comparadas a igual período de 1997, cresceram cerca de 24%, ampliando sua participação no mercado nacional de cimento de 9,1%, no primeiro semestre de 1997, para 10,45%, no mesmo período de 1998.

A Holdercim, terceiro maior fabricante brasileiro de cimento, atuando pesadamente na região Sudeste, teve sua participação reduzida de 10,17% no primeiro semestre de 1997 para 9,14% também no primeiro semestre de 1998. A empresa fechou uma antiga unidade de moagem em Italva (RJ), transferindo esta operação para Cantagalo (RJ), onde se instalará uma nova fábrica, prevista para entrar em operação ainda neste ano.

A Holdercim também entrou minoritariamente no capital da Açominas. O negócio foi concluído no final de setembro de 1998. O objetivo da empresa, ao ingressar como participante minoritária no capital da Açominas, é garantir a venda de seu calcário à companhia, além de absorver a escória siderúrgica obtida na produção de aço, que é insumo para a fabricação de cimento.

A empresa francesa Lafarge ampliou sua participação no mercado brasileiro com a aquisição de 60% do controle da Cimento Maringá, unidade com capacidade de 300 mil t/ano, situada em Itapeva, interior de São Paulo. A Maringá dispõe de uma das maiores



jazidas de calcário, a última isenta de problemas ambientais em operação no estado. Além disso, sua localização geográfica representa um posicionamento interessante no mercado do norte do Paraná e São Paulo.

Em 1998, a Lafarge também investiu R\$ 60 milhões na construção de uma nova fábrica de cimento, na cidade de Arcos (MG). O projeto faz parte da ampliação de sua subsidiária Companhia Minas Oeste de Cimento e terá a capacidade de 700 mil toneladas/ano de cimento (2 mil toneladas/dia de clínquer).

A Camargo Corrêa, em abril de 1998, recebeu um aporte de recursos com a venda de 12,53% de seu capital à Usiminas. O negócio foi da ordem de R\$ 103 milhões e teve pagamento *cash* de R\$ 53 milhões. Os R\$ 50 milhões restantes serão quitados até o ano 2000 com o fornecimento de escória, subproduto gerado na produção de aço e insumo, usado regularmente na produção de certos tipos de cimento.

Em 1998, a Camargo Corrêa Industrial lançou uma nova estratégia de *marketing* para ampliar suas vendas de cimento. O montante a ser investido totalizará R\$ 1 milhão e terá como principais medidas a modernização das embalagens dos produtos e campanhas em jornais e revistas.

A Cimpor Brasil está investindo R\$ 130 milhões na ampliação da capacidade de produção da fábrica de Campo Formoso, na Bahia, de 350 mil para 750 mil toneladas anuais. A intensão é que, em dois anos, o volume chegue a 1,1 milhão de toneladas/ano de cimento com a marca Bonfim. O objetivo da companhia é atender à forte demanda por cimento nos estados do Nordeste, criada por obras de barragens, canais de irrigação e construção civil.

A Tabela 10 apresenta o *market share* dos 10 maiores produtores de cimento nas diversas regiões brasileiras em 1998.

Tabela 10

As 10 Maiores Empresas Produtoras de Cimento – 1998

FÁBRICA	QUANTIDADE PRODUZIDA (T/A)
Votorantim	5.409.907
Rio Branco	4.434.011
Holdercim	3.575.721
Itaú	2.138.464
Camargo Corrêa	1.808.717
Mauá	1.739.472
Itabira	1.427.267
Cauê	1.415.559
Tupi	1.396.701
Serrana (Cimpor)	1.386.367

Fonte: SNIC (1998).

Participação do Sistema BNDES no Setor de Cimento

O Sistema BNDES tem apoiado os investidores desse segmento com créditos específicos, observando suas diversas modalidades operacionais. A Tabela 11 apresenta o volume de recursos desembolsados pelo BNDES, tendo em vista o apoio aos projetos do setor nos últimos três anos.

Tabela 11
Desembolsos do Sistema BNDES para o Setor Cimenteiro – 1996/98
(Em US\$)

REGIÕES	1996	1997	1998
Nordeste	17.243.278	26.782.340	12.196.693
Sudeste	78.150.151	149.369.254	25.489.669
Sul	10.895.123	332.145	12.500.994
Centro-Oeste	21.607.177	2.237.943	11.209.319
Total	127.895.729	178.721.682	61.396.675

Fonte: BNDES.

Conclusões

A indústria de cimento desempenha papel relevante no desenvolvimento da infra-estrutura econômica e social de uma economia. Assim, devem ser feitos esforços no sentido de manter a oferta não apenas nacional, mas também em nível regional, com um patamar de preço e volume adequado às necessidades do mercado.

Face à extensão territorial brasileira e às diferenças regionais existentes, devem ser adotados critérios privilegiando a ampliação da oferta nas regiões que apresentam demanda não atendida. A região Norte, por exemplo, apresenta escassez na oferta desse insumo, dependendo da importação de outros estados. A consequência disso é o maior preço final para o consumidor, quando comparado com as demais regiões.

O continuado apoio à indústria cimenteira nacional se faz necessário para a manutenção do desenvolvimento nacional e o pleno atendimento do consumidor brasileiro.